

Pulsão de destruição – o disruptivo em ação – entre o tanático e o criativo: repercussões na pandemia e no racismo do dia a dia de nossas vidas

Ignácio A. Paim Filho¹, Porto Alegre

O presente trabalho parte da ideia de caracterizar o disruptivo no pensamento freudiano. Como ponto de partida, toma o trabalho de 1914, À guisa de introdução ao narcisismo, por reconhecer nele um momento primeiro de ruptura na teoria pulsional vigente: libido do Eu versus libido objetal. Durante o trajeto, sinaliza marcas desse processo e direciona-se para o disruptivo que se instala em termos metapsicológicos, com maior consistência, com o advento da pulsão de morte. A pulsão de destruição, como agente do disruptivo em sua relação com Eros, desenhará caminhos que permitem vislumbrar destinos tanáticos ou criativos. Com essa concepção metapsicológica como indicador, busca-se refletir a respeito da interação entre o disruptivo da pandemia viral e o disruptivo da virulência do racismo e seus desdobramentos criativos na efetivação, pelo coletivo da humanidade, de posturas antirracistas. Tal contexto alberga uma interrogação pontual: como a pandemia, em seu efeito disruptivo, está relacionada com a percepção em toda a sua sensorialidade, em grande escala, de norte a sul, daquilo que mantinha-se parcialmente silencioso e invisível, o racismo?

Palavras-chaves: *Pandemia; Racismo; Disruptivo; Pulsão de destruição; Tanático; Criativo*

¹ Psicanalista, membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

“Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto com a finalidade de incorporação, e o ato sexual, uma agressão com a intenção da mais íntima unificação. Essa atuação de ambas as pulsões fundamentais – em combinação ou contradição entre si – produz toda a diversidade dos fenômenos da vida”. (Freud, 1940/2014, p. 27)

Em fevereiro de 1914, Freud está concluindo seu trabalho *À guisa de introdução ao narcisismo* – libido do Eu versus libido objetual (segunda dualidade pulsional) –, considerando a libido como um agente predominante da vida psíquica. O narcisismo estrutura o Eu em seus dois segmentos, Eu-ideal e o Ideal-de-Eu. Com essa proposição disruptiva, a primeira dualidade percebe-se engolfada pela libido; a pulsão de autoconservação, exteriorizada na mítica primeira mamada, que, uma vez ocorrida, vai ficar subjugada à força ligante da libido. A psicose, patologia narcísica, convoca Freud para pensá-la e incluí-la no escopo da universalidade do humano: “O sonho é, portanto, uma psicose, com todos os disparates, formação delirantes e confusões sensoriais, que lhe são próprios” (Freud, 1940/2014, p. 85). O primitivo, o mais além da neurose, está presente nos desafios da clínica e na cultura: a destrutividade exteriorizada no sadismo, com suas defesas narcísicas, torna-se proeminente e as *perversões patológicas* (Freud, 1905/2016) acabam por serem reconfiguradas.

Desde o pensar freudiano, o porquê das guerras, das cruzadas, da inquisição, do fascismo, do nazismo, da escravidão, da colonização e dominação do continente africano, dos fundamentalismos e outros, enquanto traços da intrínseca crueldade humana, começa a ser concebido. Todas essas barbáries, é importante assinalar, possuem, como seu maior promotor, o homem branco europeu: o que se julga o civilizado por excelência.

Em julho desse mesmo ano, eclode a primeira grande guerra, tendo como palco a Europa. Essa guerra vai desenrolar-se, com toda a sua destrutividade, durante quatro longos anos – 1914-1918 –, fazendo do velho continente o representante maior da intolerância com os semelhantes. Em termos metapsicológicos, tal tragédia, encenada e protagonizada pelo e para o ser humano, tem um dos seus pilares psíquicos edificados em torno do *narcisismo das pequenas diferenças* (Freud, 1930/2020, p. 367). Segundo Freud, este narcisismo está entrelaçado pelas demandas do Ideal-de-Eu, que contém, além da parte individual, uma parte

social, “o ideal comum de uma família, de uma classe, de uma nação” (Freud, 1914/2004, p. 118). Seguindo este pensamento, que delimita a diferença e estimula segregações entre grupos e seu efeito de *apartheid*, enfatiza: “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (1930/2020, p. 366). A força inóspita dos pactos narcísicos, trabalhando em prol da endogamia e em detrimento da exogamia: o estrangeiro como agente de ruptura que deve ser eliminado. Tempo que faz reflorescer, por exemplo, correntes antisemitas – o disruptivo com seus efeitos tanáticos –, as quais atingirão o seu ápice no decorrer da segunda grande guerra (1939/1945), com o holocausto do povo judeu.

No ano seguinte, em meio aos acontecimentos da guerra, Freud, na solidão da Bergasse 19, irá escrever os seus textos metapsicológicos. Entre eles, destaco o trabalho *Luto e melancolia* (1917[1915]/2006). Esse destaque é realizado em função do vínculo intenso que esse texto de 1915 tem com aquele escrito em 1914. Ambos versam sobre o lugar determinante do objeto na constituição do aparato psíquico, do estrutural ao psicopatológico: narcisismo teoria, luto e melancolia clínica. Dentro de tal escopo, teremos o anúncio de que a complexidade desse aparato dar-se-á no interjogo do trabalho do luto *versus* o trabalho da melancolia. Nessa conjunção, um breve ensaio de 1916, *Transitoriedade*, cumpre importante papel como meio de propagação da relevância do trabalho do luto para o processo de amadurecimento do sujeito e da ordem social, clima condizente para o devir de uma postura ética. A melancolia escraviza-nos ao determinismo nefasto da destruição, o tanático, “recua diante de tudo que é doloroso, eles sentiram sua fruição no belo prejudicada devido às ideias acerca da sua transitoriedade” (Freud, 1916/2014, p. 223). Por outro lado, o luto, em sua elaboração, é libertador, criativo: “Se antes o luto for superado, isso mostrará que nossa elevada avaliação dos bens culturais não sucumbiu à experiência da sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu” (Freud, 1916/2014, p. 224).

Em seu conjunto, esses trabalhos vão sinalizar o caminho disruptivo para a hegemonia do princípio do prazer, calcado nos destinos da pulsão sexual e em sua íntima relação com o estado de desejo: precursores da inconfidência de vinte e anúncio de uma disposição passiva primária, produzindo ranhuras ao postulado da atividade primária, aos moldes configurados no texto *Pulsões e destino da pulsão* (Freud, 1915/2004). O objeto começa a rascunhar seu protagonismo na estruturação da psique, tomando por referência as identificações narcísicas: o ser identificado – o Eu-ideal – que o narcisismo primário contempla. O aparelho psíquico de 1900, chamada primeira tópica, centrado no inconsciente recalcado, com sua composição representacional, passa a dar notícias de sua insuficiência.

Ignácio A. Paim Filho

O Eu, a consciência moral, o não representável, reclama por um topos que lhe forneça os elementos necessários para atingir a dimensão metapsicológica em sua plenitude: econômica, dinâmica e topográfica. A segunda tópica (1923/2007) começa a ser gestada.

Tal contexto, em sua relação com a destrutividade e com os destinos da pulsão sexual, terá ressonâncias mais significativas após 1920, com o advento da dualidade pulsão de vida *versus* pulsão de morte – uma reencenação do disruptivo na teoria das pulsões. Com essa terceira dualidade em cena, decorrente das ressonâncias da conjuntura cultural e da clínica, Freud revelará novas rupturas no até então estabelecido, constituindo uma demarcação medular na instituição de Freud como um pensador inconfidente² (Paim Filho, 2020). Trará, para o palco analítico, a força disruptiva da pulsão de destruição que, juntamente com Eros, com seu vigor conjuntivo, vão determinar o acontecer da vida e da morte. “Essa atuação de ambas as pulsões fundamentais – em combinação ou contradição entre si – produz toda a diversidade dos fenômenos da vida” (Freud, 1940/2014, p. 27). Com esse novo postulado como agente fundante da psique, teremos a vida anímica acontecendo a partir do intrincamento de tais pulsões. Essa concepção está calcada, agora, na proposição de um masoquismo primário, o qual, em sua inter-relação com o narcisismo, desenhará as vicissitudes das pulsões, do sujeito psíquico.

A ideia do disruptivo enquanto movimento de desacomodar, de quebra, de fratura no curso do *status quo*, sempre esteve presente no pensamento freudiano. Tal constatação é condizente com a sua concepção de pensamento científico, delineada em *Totem e tabu* (1913/1969): um pensar que suporta um constante interrogar-se, fomento para romper com as fronteiras do conhecido. Evidentemente, a ideia de uma pulsão de morte como a pulsão das pulsões, que faz da pulsão de vida um mero vassalo, é uma grande ruptura, uma subversão, provavelmente tão sinistra quanto a ideia dos demais *Shibboleth*³: sonhos (1914b/2004), inconsciente (1923/2007), sexualidade infantil (1919/1976) e complexo de Édipo (1924/1976). Contudo, é com o conceito de pulsão de morte, ou melhor, de destruição, com sua capacidade de *dissolução das conexões* (Freud, 1940/2014, p. 25), que o disruptivo ganha

² No artigo “Freud o inconfidente e seus estranhos pensamentos”, o autor busca fazer do inconfidente um conceito que tem uma íntima relação com *Das Unheimliche*. Este conceito remete à ideia de ruptura – ser desleal a posturas dogmáticas –, o que se antepõe ao estabelecido, como por exemplo, a *inconfidência* de vinte.

³ Freud, a partir de 1914, como uma decorrência da primeira cisão do movimento psicanalítico, nomeia quatro constructos teóricos como fundamentais na edificação da psicanálise. Para tal, vai buscar no Livro do Juizes, do *Antigo Testamento*, a palavra armadilha – *Shibboleth*. Essa vai ser atribuída aos seguintes conceitos: sonhos (1914b/2004); sexualidade (1919/1976), complexo de Édipo (1924/1976) e o inconsciente (1923/2007). Remetemos ao trabalho: *Shibboleth, Freud e o fundamental na psicanálise e no devir analista* (Paim Filho, 2010).

contornos metapsicológicos: a força desassimiladora da pulsão de destruição⁴ visando romper com a força assimiladora de Eros – o derivativo desse embate será a melodia pulsional dominante. Recordemos que tal pulsão é sempre guiada por Eros, responsável por traçar os itinerários a serem percorridos da repetição do mesmo à repetição diferencial. Portanto, na intrincação pulsional, quer predomine a pulsão de destruição ou a libido, a resultante “sempre acabará assumindo o papel de principal representante de Eros” (Freud, 1923/2007, p. 50).

Cabe destacar que a pulsão de morte, com sua força centrífuga, é cega, surda e muda, e seus caminhos sempre serão sinalizados pela força centrípeta da libido. Sendo assim, o tanático e o criativo dependem do disruptivo da pulsão de destruição, que possui a capacidade única de desacomodar o que está acomodado, e de Eros, que tem o compromisso de fazer novas ligações. Diante dessa proposição, podem ocorrer três destinos, não excludentes: a) quando a força de ligação de Eros for submetida à pulsão de destruição, o tanático irá vigorar – por exemplo, traumas precoces; b) se houver predomínio de Eros, a pulsão de destruição domesticada seguirá as regras propostas por ele, constituindo um espaço para criação – por exemplo, a sublimação, e c) equilíbrio entre essas forças, que propicia uma homeostasia psíquica, estado potencial para o criativo e/ou tanático. Seguindo este pensar, Freud argumenta: “Um acréscimo substancial na agressividade sexual leva alguém da condição de amante à de assassino passional, enquanto que um decréscimo substancial do fator agressivo o torna tímido ou impotente” (Freud, 1940/2014, p. 27). O fator intensidade, o mais característico da pulsão, é o grande marcador das diferenças.

Esses pontuais assinalamentos sobre o disruptivo, no pensar freudiano, indicam a necessidade de exercitarmos um pensar sobre isso, centrado na pulsão de destruição em nossa contemporaneidade, ou seja, o Século XXI, que nasce sob a insígnia da busca pela completude narcísica. A ideia de imortalidade se faz premente, não como ficção, mas sim como um fato, acompanhada pela certeza de sua efetivação. Segundo Harari, “para as pessoas modernas a morte é um problema técnico que pode ser resolvido” (2016, p. 31). O tempo das certezas de um “pensamento científico”, atravessado pelas idealizações do pensamento animista e/ou religioso, sofre um embate 100 anos depois: a morte, por mais uma pandemia, retorna com toda a sua letalidade. Essa revivência vai reproduzir o disruptivo em vários vértices: parafraseando Freud (1917/1969), *não somos senhores da nossa própria casa*. O que julgávamos encerrado, a morte, por questões básicas de saúde e

⁴ Paim Filho (2016), no texto *Silêncio: uma escuta metapsicológica*, tece considerações no sentido de diferenciar pulsão de morte de pulsão de destruição. A primeira é a pulsão situada entre o somático e o psíquico, essa sim silenciosa; a segunda é a pulsão já no psíquico, enlaçada por Eros, portanto se faz barulhenta pelo confronto com a libido e, ao mesmo tempo, faz uma exigência de trabalho.

pela negligência do poder público de manter vigente de forma constante as medidas protetivas (confinamento, isolamento, distanciamento, uso de máscaras), volta a nos assombrar e, ao mesmo tempo, a morte das pessoas negras, pelo racismo institucional, começa a nos assombrar com maior transparência.

Sendo assim, pretendo abordar a morte em dois segmentos: o reemergir da transitoriedade da vida – somos seres finitos –, na sociedade do querer é poder, e o emergir, de forma mais contundente, da condição social que faz parte da ordem cultural – o racismo estrutural –, em particular o que está em vigor, há 500 anos, no dia a dia de nossas vidas. Possibilidades do povo do gigante adormecido em berço esplêndido – remanescente do narcisismo do colonizador – comece a despertar da sua *autocomplacência narcísica*? (Freud, 1921/2020, p. 207).

Do disruptivo da pandemia viral ao disruptivo da virulência do racismo

“Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as ações assassinas do Estado”. (Mbembe, 2018, p. 18)

Adotando o encontro desses disruptivos como indicadores, desenvolvo um pensar sobre a potencialidade que os dois apresentam em revelar a fragilidade do humano e questionar sobre a responsabilidade que temos na causa e na resolução dessas “guerras virais”. De um lado, a pandemia, com seu vírus mortal, anunciando diariamente o que não queremos saber, o inexorável ciclo da vida – nascer e morrer. De outro, por uma sinistra coincidência, a virulência diária do racismo, que se impõe e se expõe, com toda a sua letalidade, como o genocídio do povo negro, auge das operações do *necropoder*, calcado na ideologia racial. Ambos versam sobre as atrocidades cometidas por aqueles que detêm o poder – a *necropolítica* (Mbembe, 2018) –, sobre os grandes colonizadores do passado e do presente, sobre a pulsão de destruição atada por um Eros comprometido com ideais supremacistas de raça, classe social, gênero e... É um contexto altamente disruptivo que denuncia, nos dias de hoje, para o povo branco, a precariedade da crença onipotente, assentada na veracidade da condição da universalidade da brancura como fator de imunidade absoluta, diante das *forças descomuns, implacáveis e destrutivas* advindas do mundo externo (Freud, 1930/2020, p. 321). Afinal, vidas importam, em sua dupla face: no corpo e na alma? O que faremos diante da irrupção dessa incontestável constatação, renovação ou repetição do mesmo?

Como guia nessa aventura disruptiva, que implica transitar por estradas mais desconhecidas do que conhecidas, ou seja, mais próximas do pulsional, terei a posição freudiana de 1920: “Aquilo a que não podemos chegar voando, temos de alcançar mancando (...) A Escritura diz que: mancar não é pecado” (Freud citando Rückert, 1920/2006, p. 182).

A pandemia viral – o disruptivo na humanidade

“A indisfarçada brutalidade do nosso tempo está pesando demais sobre nós. Amanhã ela deverá ser cremada, nossa pobre menina de domingo!”. (Freud a Pfister, 1920/1982b, p. 393)

Como sabemos, Freud, na condição de pensador e criador da psicanálise, sempre manteve uma interação investigativa e propositiva com a cultura e com a clínica. Desse processo, temos como resultante os avanços, decorrentes de rupturas nos postulados de sua ciência do inconsciente, ou ainda, como gosto de chamá-la, a Ciência *Unheimliche* (Paim Filho, 2009). Nesse sentido, reputamos a importância da primeira guerra, as neuroses traumáticas, a compulsão à repetição, entre outros, para a sua imersão na problemática da destrutividade, o que aconteceu a partir de 1920 e foi até o final de sua obra. O que chama atenção, pela ausência absoluta, é uma outra tragédia que se abateu de forma universal ao final da guerra (1918/1920), matando milhares de pessoas: a *Gripe Espanhola*⁵.

Em relação a essa pandemia, com sua demoníaca letalidade, encontraremos breves referências na correspondência de Freud, algumas em relação ao seu luto pela morte da filha Sofia, ocorrida em janeiro de 1920: “(...) *não estamos juntos nesse miserável momento de cativo* e não podemos juntar-nos (...) se trata de um golpe brutal do destino este que roubou a nossa Sofia, algo contra o que não podemos acusar (...) apenas inclinar a cabeça como ser humano indefeso” (Freud a Halberstadt, 1920/1982a, p. 381). Entretanto, temos o explícito e o implícito. Compreendo que o traumático, vivido de forma pessoal e universal, impediu-lhe de se debruçar sobre esse acontecer dramático e estrondosamente disruptivo – a fragilidade e a crueldade do humano, além da guerra vivida nos campos de batalha

⁵ Esse nome merece um breve esclarecimento: ele foi recebido em virtude do fato de que a Espanha, que não estava envolvida diretamente na guerra, foi a pioneira na divulgação da pandemia. Os demais países, as grandes potências, mantiveram em sigilo, por um tempo maior, a presença do vírus em seus territórios. Em nome do quê? Apresentação de uma *necropolítica*? A história se repete...

Ignácio A. Paim Filho

–, o que precisou de um distanciamento temporal e espacial para ganhar algum contorno: *a indisfarçada brutalidade do nosso tempo está pesando demais sobre nós*.

Entendo que essa temática, de forma implícita, acabou sendo retomada no trabalho *Mal-estar na cultura* (1930/2020), em particular quando ele se refere às três fontes de sofrimento do humano, no primeiro parágrafo do capítulo III: “o poder superior da natureza, a fragilidade do nosso próprio corpo e a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930/2020, p. 332). No encerramento do referido capítulo, agrega, como outra fonte de sofrimento, um elemento que remete à essência da natureza anímica, o pulsional desgarrado e as exigências das renúncias da cultura: “surge a suspeita de que por trás disso também poderia estar presente uma parte da natureza invencível, só que, dessa vez, uma parte de nossa própria constituição psíquica” (Freud, 1930/2020, p. 333).

Diante dessas proposições freudianas, estabelecidas em 1930, pretendo fazer um enlace com o mal-estar de nosso tempo. É tempo de ressignificar o disruptivo da pandemia viral 1920/2020 e de significar o disruptivo da virulência racismo 1500/2020. Mesmo sabendo dos limites e dos riscos de estruturar um pensar quando ainda se está sob a vigência do traumático, esse *brutal golpe do destino e miserável momento de cativo* – cenas bem conhecidas pelos descendentes da diáspora forçada africana –, vou ousar fantasiar, em parceria com a nossa metapsicologia.

Com tal proposição em mente, lancemos um olhar, seguramente impregnado de estranhamentos, para essas fontes do nosso sofrimento. Em um primeiro momento, podemos dizer que elas falam por si mesmas. Não obstante, creio que merecem algumas considerações. Começemos pela pandemia viral. De forma indiscutível, ela revela a *força da natureza e a fragilidade dos nossos corpos*. Um vírus, produto da natureza, que tem uma letalidade paradoxal: morre com água e sabão, conjuntamente com medidas de higiene, mas, quando se aloja em nossas células, deixa-nos totalmente vulneráveis, transformando a morte em uma grande probabilidade. Apesar de tudo o que a medicina avançou no decorrer do século XX e na primeira década do século XXI, ainda não temos defesas eficazes contra o novo coronavírus: o ontem da Gripe Espanhola faz-se presente no hoje da Covid-19, com sua alta performance de contágio. Entre as muitas hipóteses sobre as complexidades dessa pandemia, o disruptivo na humanidade, não podemos deixar de considerar os efeitos da ação destrutiva do homem, *parte da natureza invencível (...) uma parte de nossa própria constituição psíquica* – a força indomável da pulsão de morte que, guiada pela libido, em seu afã narcísico, torna-se *Homo Deus* (Harari, 2016) – sobre o meio ambiente, o qual é composto por um conjunto

de elementos físicos, biológicos e químicos responsáveis por envolver todos os seres vivos em uma intervenção mútua. Esta definição simples, porém altamente emblemática, requer uma escuta atenta e sensível: *envolve todos os seres vivos em uma intervenção mútua* – a relação de causa e efeito, com a sua intrínseca retroalimentação, está colocada.

Entendo que essa proposição é condizente com o que alguns pensadores contemporâneos, como P. Crutzen e E. Stoermer (2015), têm chamado de *era do antropoceno*. Esta era tem o humano como referência, eis que a sua ação é determinante do alto impacto que causa sobre a Terra, produzindo alterações significativas na atmosfera, na biodiversidade, no clima, no curso dos rios e... A natureza, em um efeito mimético com o humano, reproduz ativamente o que viveu de maneira passiva sob a espécie que se considerava dominante, impondo a sua soberania mortífera sobre esta. Chega o momento de ressignificar a máxima darwiniana, nossa segunda ferida narcísica que, segundo Freud, seria o golpe biológico: “O homem não é um ser diferente dos animais, ou superior a eles; ele próprio tem uma ascendência animal” (Freud, 1917/1969, p. 173). Dolorosa constatação: criamos a cultura, porém seguimos existindo como um dos mamíferos que compõe a natureza, quer seja em 1920, quer em 2020. É um convite ao trabalho do luto, em meio à tentação de nos deixarmos enredar no trabalho da melancolia, com suas fugas maníacas.

Essa pandemia reinstalou o caos de nossas origens, reconectando-nos com nossa transitoriedade e finitude, além de nos obrigar a olhar para a forma com que cuidamos de nós, tanto no individual quanto no coletivo – proeminente contágio viral comunitário –, bem como de nosso planeta: a era do *Antropoceno* está *sub judice*. Seu impacto disruptivo é um chamado para refletirmos acerca do que somos, o que queremos e para onde vamos... uma condição com potencialidade criativa, devido à presença contundente do complexo de castração enquanto inscrição da alteridade, contágio psíquico produtor de imunidade, para a construção de novos destinos para o narcisismo e para o masoquismo que nos habitam.

Em meio a cenário tão catastrófico, com milhares de mortes, deparamo-nos com o emergir de um processo ominoso: a *explosão de movimentos antirracistas*. Estes movimentos vêm ganhando proporções pandêmicas de formas inéditas. A virulência do racismo tem sido explicitada em vários contextos. As múltiplas facetas do racismo estrutural – econômicas, políticas e subjetivas –, bem como a sua relação com a branquitude – lugar de privilégios e de poder –, passam a fazer parte das preocupações da nossa vida cotidiana, ampliando as fronteiras dos movimentos negros e do universo acadêmico. Aquilo que foi plantado pelos

ativistas negros desde Zumbi (1655-1695) germina, floresce e dá frutos: é tempo de fazer a colheita?

A própria psicanálise, que até então vinha mantendo-se omissa em relação a essa problemática, rompe com a inércia e busca ocupar-se das implicações do racismo na constituição do sujeito e da estrutura social: o disruptivo, como marca do pensamento freudiano, vem retomando o seu lugar de um interlocutor inquieto, com as intersecções entre as massas e o indivíduo. É uma posição condizente com a ideia de democracia enquanto espaço de liberdade, de livre pensar e de relações simétricas, decorrente dos princípios éticos instalados com o advento da horda fraterna, como está posto no preâmbulo de *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-1938]/1969), escrito por Freud no exílio em Londres: “posso exalar um suspiro de alívio agora que peso foi tirado de mim e mais uma vez posso falar escrever – quase disse ‘e pensar’ – como quero ou como devo” (p. 74). Meu escrito caminha nesse sentido. Como podemos contribuir para reparar os danos que produzimos, ativa e passivamente, como analistas, para a manutenção do racismo, na medida em que o abordávamos exclusivamente pelo viés da psicopatologia individual de negros e negras. Por exemplo, referente ao sentimento de inferioridade em relação ao branco, muitas vezes era utilizada a falácia da meritocracia para negatizar as diferenças históricas do lugar subalterno delegado à população negra – que vença o mais capaz, desconsiderando os pontos de partida. Tudo isso sem levar em conta que o racismo é sistêmico e se encontra instaurado nos fundamentos de nosso aparato psíquico, sendo um dos elementos que confere sustentação ao processo identificatório: “Uma parte do mundo externo é, ao menos parcialmente, abandonada como objeto e acolhida no Eu, tornando-se, assim (por identificação), parte do mundo interior” (Freud, 1940/2014, p. 173). Identificação com os ideais, oriundos do mundo externo e erigidos pela minoria branca, aquela que detém o poder, sobre a maioria negra. Seria o Eu-ideal e o seu herdeiro o Ideal-de-Eu brancos? (Paim Filho & Degani, 2021).

Refletindo sobre nossos agentes de fraturas do estabelecido, é instaurada a interrogação: como a pandemia, o disruptivo *na* humanidade, está relacionada com a percepção, em toda a sua sensorialidade, em grande escala, de norte a sul, daquilo que, em parte, mantinha-se silencioso e invisível – o racismo – o disruptivo *da* humanidade?

Uma das possibilidades é a ideia da morte compartilhada, conjuntamente com o fenômeno do negacionismo, ou, sendo mais analítico, da alucinação negativa coletiva: da virulência do racismo de ontem/hoje, trauma contínuo – tragédia em andamento – que segue no seu primeiro tempo, assim como da letalidade da pandemia hoje, segundo tempo do trauma da pandemia de ontem. A desafetação

perante a morte é mais um ponto de convergência entre essas condições e o contexto social. Examinemos por onde corroborar essa hipótese.

A virulência do racismo – o disruptivo da humanidade

“O racismo não é um problema pessoal, mas um problema branco estrutural e institucional que pessoas negras experienciam (...) intimidação por um lado, patologização individual por outro”. (Kilomba, 2008, p. 204)

Com a finalidade de tornar viável e visível meu escrito, irei circunscrevê-lo à nossa realidade: o racismo à brasileira, com sua hipocrisia de uma democracia racial. Ratifico que, até então, nos mais diversos segmentos de nossa organização social, essa temática não havia merecido ser objeto de reflexões e de tomadas de posições de tal envergadura. Como ponto de partida, escolho o assassinato do americano George Floyd, homem negro, por policiais brancos, em maio de 2020. Ponto de ruptura, que amplia e dá notoriedade, nos mais variados continentes, à problemática que o movimento norte-americano *Vidas Negras Importam* vinha desnudando desde 2013: o genocídio do povo negro, a perpetuação do traumático. Como afirma Freire, em 1982, no prefácio do livro de Neuza Souza: “Ser negro é ser violentado de forma contínua, constante e cruel, sem pausa sem descanso...” (p. 12).

Esse fato apresenta repercussões também no Brasil, juntando-se à realidade do processo de racismo institucional que visa o extermínio de indivíduos negros, sobretudo dos jovens – um morre assassinado a cada 23 minutos. O movimento *Vidas Negras Importam* ganha uma “visibilidade” inaudita – se faz ver com todas as suas sinuosidades, se faz ouvir em uma vibração maior, se faz sentir, tocando a pele negra pela identificação e a pele branca pela empatia, se faz sentir no gosto amargo do sangue, se faz sentir no cheiro ácido da morte e... Possível ponto de encontro entre a letalidade da natureza, encarnada no coronavírus, com a letalidade da natureza humana, encarnada no racismo que estrutura a nossa cultura? Entendo que sim. Esse entrecruzamento criou as condições para revelar o retorno da destrutividade da natureza sobre o humano e a deflexão da destrutividade do humano sobre o humano: “O ser vivo preserva, por assim dizer, sua vida destruindo a vida alheia” (Freud, 1933/2020, p. 436).

Buscando equacionar meus interrogantes, retomo a terceira fonte de

sofrimento do *humano indefeso*, enunciada por Freud em 1930: *a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade*. A esta fonte, agrego uma outra afirmação freudiana, que, em minha percepção, enfatiza a importância do outro enquanto agente que cria os dispositivos dos marcadores sociais responsáveis por levar à inclusão e à exclusão: “relações com outros seres humanos. O sofrimento que provém dessa fonte, talvez o sintamos de maneira mais dolorosa do que qualquer outra; somos inclinados a ver nele um ingrediente de certa forma supérfluo” (Freud, 1930/2020, p. 321).

Como sabemos, toda concepção de raça é uma criação. No caso do racismo com o povo negro, tal criação remonta ao século XVI, tendo como agente o homem branco europeu. Nesse processo, que segue até os nossos dias, foi se formatando o racismo estrutural e a hierarquia de raças, dispositivos que visam determinar, para os afro-brasileiros, a ocupação de espaços desvalorizados em termos econômicos e políticos, com suas ressonâncias na produção da subjetividade – *a inadequação dos dispositivos que regulam as relações*. Dispõe, como premissa, a inferioridade intelectual, ética, moral e... dos negros e negras, que são referendadas pelo Estado e pela sociedade brasileira quando seus dirigentes e as classes que detêm a posição de soberania negam a existência do racismo: a *intimidação* como ferramenta de coerção. Tal contexto visa manter o domínio brancocentrista presente na branquitude. Nele, o negro assume o papel do diabólico, do mesmo modo que o “judeu no mundo ideal ariano” (Freud, 1930/2020, p. 373). Todos esses elementos constitutivos do racismo da vida cotidiana tendem a ser silenciados, vistos como queixume, sem sentido, e *somos inclinados a ver nele um ingrediente de certa forma supérfluo*: afinal, vivemos em um país miscigenado. A desmentida está posta. Há que se interrogar o regime democrático, pois não existe democracia com racismo.

Conjuntura que põe em relevo a necessidade do enfrentamento com o mal-estar que nos toca – o desamparo absoluto, o desgarrado da pulsão de destruição, insuflado pelos ideais de satisfação narcísica da cultura – em função do sistema político, econômico e social sobre o qual a sociedade brasileira foi e permanece sendo construída: racismo – escravidão – racismo, assim como os seus prolongamentos na gênese e no desenvolvimento do capitalismo com sua premissa altamente individualista, no qual vidas negras não importam. Segundo A. Mbembe (2020, 30 de março), esse sistema é “baseado na distribuição desigual de oportunidades de viver e de morrer” (s/p). Essa problemática vai estar vinculada também com a pandemia, a qual exige para a sua resolução, assim como o problema do racismo, um trabalho coletivo – amparo no semelhante, abastecido por uma libido que traga consigo a marca da alteridade – e a presença de um Estado comprometido com o

princípio ético de que todas as vidas importam. É um trabalho que inevitavelmente denunciará a falência do atual sistema, uma ilusão sem futuro...

Pandemia – Racismo: desdobramentos do disruptivo

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. (Adichie, 2009, p. 32)

Estes breves assinalamentos têm por meta reconectar-nos com a relação racismo/branquitude e a sua virulência. Condição estrutural que, como estamos discorrendo, rompe de forma ampla com o silêncio histórico sobre o ataque à dignidade humana, nesse ano paradigmático de 2020. Tenho a hipótese de que a pandemia, com sua força disruptiva e re-anúncio da finitude, desacomoda as nossas percepções do mundo. Nossas defesas narcísicas entram em colapso: somos frágeis em relação ao vírus e temos, de maneira concreta, a faculdade de lesar o nosso semelhante – a letalidade que nos habita, em relação ao outro, ganha representatividade: pela virulência do vírus e pela virulência do racismo. A possibilidade de ter um olhar mais atento ao outro é feita de forma sutil e cuidadosa. Em um contexto que incita novos discursos, *as histórias podem ser usadas para empoderar e humanizar.*

Em paralelo, especulo sobre as peculiaridades do povo negro e do povo branco para administrar o encontro com o trágico, com o disruptivo da pandemia e com a capacidade de alavancar saídas criativas. Os primeiros têm uma longa história de lutas e resistências para sobreviver e transformar as adversidades: fazer da pulsão de destruição uma aliada para fomentar Eros, em prol da pulsão de apoderamento do que lhes é devido por direito. Ser negro implica em um eterno confronto com a virulência do racismo e comprometido com a sua transformação, implicando o branco em sua responsabilidade pela criação e desenvolvimento dessa hierarquia de raças, calcadas em uma ideologia de corpo e de cor. Por outro lado, o povo branco, com suas histórias centenárias de privilégio e de um poder constituído na servidão involuntária da população afrodescendente, encontra-se em um maior grau de desamparo diante do disruptivo da pulsão de destruição. Sua capacidade

Ignácio A. Paim Filho

de criar novos caminhos requer um maior trabalho: o desafio de suportar as dores do luto. Saber um pouco mais de si, de forma menos projetiva, pode ser um bom roteiro para instrumentalizar recursos com o intuito de escutar a si mesmo e ao outro. Possibilidade de *reparar essa dignidade despedaçada*.

Sendo assim, em tempos de pandemia, temos a resistência e a luta do povo negro que, mais do que nunca, vem ocupando o seu lugar de fala. Lugar de potência, que produz efeitos que ressoam em todos os territórios, abalando as bases fundantes do racismo estrutural: resgate de *muitas histórias que importam*. Por outro lado, o povo branco, em sua fragilidade não mais desmentida, habilita-se em poder haver-se com sua branquitude e seus efeitos deletérios. Essa composição, com suas diferentes intensidades, precisa seguir acontecendo, sendo escutada, pensada, trabalhada e não silenciada. O disruptivo da pandemia de 2020 foi um *start*, um grito de alerta que fez a sua função de ressoar, em alto e bom tom, o racismo que nos habita. Tempo de torná-lo *o centro do universo*: a omissão não pode ser sinônimo de neutralidade – *às vezes*, ou melhor, sempre *devemos interferir*. Com isso como sinalizador, as seguintes perguntas insurgentes acabam por se impor: que tipo de racista somos? Como assumir os efeitos patogênicos da branquitude? O que pretendemos fazer para desconstruí-los?

Finalizando, recorro, à guisa de recomendação, às palavras do discurso disruptivo do vencedor do *Prêmio Nobel da Paz* de 1986:

Às vezes devemos interferir. Quando vidas humanas estão ameaçadas, quando a dignidade humana corre risco, as fronteiras nacionais e as sensibilidades se tornam irrelevantes. Toda vez que homens ou mulheres são perseguidos por causa de sua raça, religião ou opiniões políticas, aquilo deve – naquele momento – tornar-se o centro do universo. (Elie Wiesel, 1986, s/p, tradução livre) □

Abstract

Destruction drive – the disruptive in action – between the tanatic and the creative: repercussions in day by day of pandemic and racism of our lives

The present article begins from the idea of characterize the disruptive in the freudian's thoughts. Is takes as a starter point the work of 1914, *On narcissism: an introduction*, for recognize it as a first moment of rupture in the current drive theory: self libido versus object libido. In this path, it signals marks of this process and orientate to the disruptive that develops in metapsychological terms, with

great consistency, with the advent of the death drive. The destruction drive, as a disruptive agent, in its relation with Eros, will draw paths that allow glimpse its tanatic fate or criative fate. From this metapsychological conception, as an indicator, seeks to reflect the interaction between the disruptive in the viral pandemic and the disruptive in the racism virulence, and its criatives developments in the effectuation of anti-racist postures, by the humanity collective. Context that holds an punctual interrogation: how the pandemic, with its disruptive effect, is related with the perception in all its sensoriality, in big scale, from north to south, with what was, in part, silence and invisible: the racism?

Keywords: Pandemic; Racism; Disruptive; Destruction drive; Tanatic; Criative

Resumen

Pulsión de destrucción - lo disruptivo en acción - entre lo tanático y lo creativo: repercusiones en la pandemia y en el racismo diarios de nuestras vidas

El objetivo inicial del presente trabajo es caracterizar lo disruptivo en el pensamiento freudiano. Se toma como punto de partida el célebre texto de 1914 *Introducción del narcisismo* por reconocer en él un primer momento de ruptura en la teoría pulsional vigente hasta ese momento, que distinguía la libido del Yo y la libido de objeto. En ese recorrido, se irán señalando marcas de dicho proceso orientándose hacia lo disruptivo, que se instalará con mayor consistencia, en términos metapsicológicos, con el advenimiento de la pulsión de muerte. La pulsión de destrucción, como agente de lo disruptivo, en su relación con Eros, trazará caminos que permiten vislumbrar sus destinos tanáticos o creativos. Tomando esa concepción metapsicológica como indicador, busco reflejar la interacción entre lo disruptivo de la pandemia viral y lo disruptivo de la virulencia del racismo, así como sus desdoblamientos creativos en la adopción de posturas antirracistas por parte del colectivo humano. En este contexto se plantea una interrogación puntual: ¿cómo la pandemia, con su efecto disruptivo, está relacionada con la percepción en toda su sensorialidad, en gran escala, de norte a sur, de aquello que, en parte, se mantenía silencioso e invisible, el racismo?

Palabras clave: Pandemia; Racismo; Disruptivo; Pulsión de destrucción; Tanático; Creativo

Ignácio A. Paim Filho

Referências

- Adichie, C.N. (2009). *O perigo de uma história única* (pp. 11-48). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Crutzen, P.J. & Stoermer, E.F. (2015, 06 de nov.). O antropoceno. *Piseagrama*, Belo Horizonte, sem número. Recuperado de <https://piseagrama.org/o-antropoceno>
- Freire, J. (1982). Prefácio. In *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão* (Neuza Souza). Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros*, (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1969). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 13, pp 17-191). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud*, (Vol. 1, pp 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914a)
- Freud, S. (2004). A história do movimento psicanalítico. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud*, (Vol. 1, pp 23-93). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914b)
- Freud, S. (2004). Pulsões e os destinos da pulsão. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud*, (Vol. 1, pp 145-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud*, (Vol. 2, pp 99-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Freud, S. (2014). Transitoriedade. In *Artes, literatura e os artistas / Sigmund Freud* (pp. 221-224), *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1969). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 17, pp 171-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1976). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 12, pp 223-253). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1982a). Carta de Freud a M. Halberstadt, 25/01/1920. In *Sigmund Freud, correspondência de amor e outras cartas* (1873-1939). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1982b). Carta de Freud a Pfister, 17/01/1920. In *Sigmund Freud, correspondência de amor e outras cartas* (1873-1939). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2006). O além do princípio de prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp 135-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise da Eu. In *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos / Sigmund Freud* (pp. 137-225), *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2007). O Eu e o Id. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp 27-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 19, pp 215-224). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2020). O mal-estar na cultura. In *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos / Sigmund Freud* (pp.305-405), *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2020). Por que da guerra? In *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos / Sigmund Freud* (pp.421-441), *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1969). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. 23, pp. 19-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938])
- Freud, S. (2014). Compêndio de Psicanálise. In *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados / Sigmund Freud* (pp. 11- 177), *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1940)
- Harari, Y.N. (2016). *Homo Deus; uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Kilomba, G. (2008). *Memórias de plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições.
- Mbembe, A. (2020, 30 de março). Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da ‘necropolítica’. *Entrevista a Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>
- Paim Filho, I.A. (2010). Shibboleth, Freud e o fundamental na psicanálise e no devir analista. In *Formação psicanalítica: fatos e versões*. Porto Alegre: Letra & Vida.
- Paim Filho, I.A. (2016). Silêncio: uma escuta metapsicológica. In *Inconfidências metapsicológicas: das Unheimliche* (Paim Filho). Porto Alegre: Sulina, 2019.
- Paim Filho, I.A. (2020). Freud o inconfidente e seus estranhos pensamentos, In *Revista da Associação Sigmund Freud*. Porto Alegre.
- Paim Filho, I.A. & Degani, R. (2021). Racismo – a inegável existência da crueldade – no mundo conceitual branco. In *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Porto Alegre: Artes & Ecos (no prelo).

Ignácio A. Paim Filho

Wiesel, E. (1986). Acceptance speech. *Les Prix Nobel. The Nobel Prizes 1986*, Editor Wilhelm Odelberg, [Nobel Foundation], Stockholm, 1987. Recuperado de <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1986/wiesel/26054-elie-wiesel-acceptance-speech-1986/>

Recebido em 12/01/2021

Aceito em 03/03/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Ignácio A. Paim Filho

Rua Félix da Cunha 737/410

90570-001 – Porto Alegre, RS – Brasil

ignacio.a.paim@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA